
VIEIRA, José Glebson; CUNHA, Lidiane Alves (Org.) Desafios e Perspectivas do Ensino e da Formação de Professores de Sociologia para o Ensino Médio. Mossoró: UERN, 2014.

AMURABI PEREIRA DE OLIVEIRA
Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

O Ensino de Sociologia na Educação Básica possui várias singularidades, como o fato de ter antecedido a criação dos primeiros cursos de Ciências Sociais¹, que ocorreu apenas nos anos de 1930, ao passo que a introdução da disciplina na escola se deu de forma pontual ainda no século XIX e por meio da Reforma Rocha Vaz em 1925, e também de ser pensado historicamente como algo menor dentro dos cursos de Ciências Sociais. Todavia, o processo de retorno ao Ensino Médio em todas as séries a partir do parecer CNE/CEB nº 38/06, e da lei nº 11.684/08 tem fomentado uma série de novas discussões, que tem demandado uma profunda reflexão por parte das agências formadoras.

É na seara desse amplo leque de discussões que se insere a coletânea “Desafios e Perspectivas do Ensino e da Formação de Professores de Sociologia para o Ensino Médio”, organizada por José Glebson Vieira e Lidiane Alves Cunha, que se origina a partir do 1º Seminário Estadual de Formação de Professores de Sociologia para a Educação Básica (SESEB), que ocorreu entre os dias 28 e 31 de maio no campus da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) em Mossoró (RN).

Chama a atenção o fato de que a ainda tímida produção acadêmica sobre Ensino de Sociologia tem se articulado principalmente por meio de eventos – neste sentido, destacaria a criação do GT sobre Ensino de Sociologia em 2005 junto ao Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, o Encontro Nacional para o Ensino de Sociologia na Educação Básica em 2009, e a fundação da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais em 2012 cujo primeiro congresso ocorreu em 2013 –, dossiês temáticos e coletâneas de livros; no que tange a esse último tipo de material, a sua maioria tem

sido produzido nas regiões Sul e Sudeste², de tal modo que pelo simples fato de ser um trabalho acerca de uma temática pouco explorada pelo meio acadêmico, e produzida fora das regiões Sul e Sudeste, já merece a atenção dos pesquisadores das Ciências Sociais e da Educação.

No primeiro capítulo intitulado “Epistemologia e cidadania: o ensino de sociologia na educação básica”, Elisabeth da Fonseca Guimarães traz uma série de questões para pensarmos os fundamentos epistemológicos da Sociologia, havendo um contínuo esforço por parte da autora para que se distinga a ciência da disciplina escolar, tendo em vista que, segundo Guimarães: “Os limites da Ciência não se confundem com os limites da disciplina.” (p. 22). Insiste ainda na necessidade de traduzir os conhecimentos sociológicos para os jovens no Ensino Médio, e na centralidade da pesquisa na prática pedagógica, o que em certa medida retoma o que é apontado pelas Orientações Curriculares Nacionais de Sociologia, publicadas em 2006, das quais participa em sua autoria, o que se evidencia também quando aponta como finalidade do ensino dessa ciência o estranhamento e a desnaturalização da realidade social. O que se percebe é uma contínua defesa pela manutenção do caráter científico da Sociologia na escola, de tal modo que ela possa cumprir as finalidades as quais se propõe.

Amaury Cesar de Moraes, que também foi um dos autores das OCN de Sociologia, se volta para os “Desafios do Ensino de Sociologia na Escola Média” ponderando seis questões: 1) a relação entre bacharelado e licenciatura, indicando a necessidade de se pensar cursos de formação de professores com uma identidade própria, apontando ainda para as possibilidades que vem sendo abertas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, ainda que adverta do risco de aproximação como modelo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, sem negar com isso, que a pesquisa compunha a docência; 2) o material didático, ainda que elogie o fato de termos hoje bons livros didáticos na área, ele indica o problema do enciclopedismo nesses materiais, bem como da possibilidade da “voz do autor” sufocar a “voz do professor”; 3) a proposta programática, nesse ponto ele retoma as críticas tecidas às OCN, afirmando que esperava-se um maior amadurecimento de tais questões, por meio de eventos e fóruns diversos, afirmando ainda a necessidade de se fugir de clichês postos como “formar para a cidadania”; 4) as questões legais e legitimidade, voltando-se para o impasse em torno do número de aulas, da presença de professores sem formação atuando na área, bem como dos problemas que têm ocorrido em alguns Estados nos quais os licenciados em Ciências Sociais têm enfrentado problemas jurídicos para tomar

posse como professores de Sociologia; 5) sobre as pesquisas ele faz um balanço daquelas que foram e vem sendo desenvolvidas na pós-graduação, indicando alguns equívocos que vêm sendo reproduzidos em diversos trabalhos como "(...) certa interpretação de que a presença ou ausência da disciplina depende do contexto político – em momento democrático, presente; em momento autoritário, ausente." (p. 46), bem como temas ainda pouco explorados; 6) por fim indica a questão da criação de uma entidade nacional para capitanear estas questões, o que de fato se concretizou no interstício entre a realização do SESEB e a publicação desse livro, com a fundação da ABECs em 2012.

Em "Desafios do Ensino de Sociologia em Tempos de Crise Social", Nise Jinkings realiza uma breve, porém, substancial reflexão sobre nosso tempo e se indaga "qual o lugar do cientista social nessa realidade, que nos parece tão distorcida pelos mecanismos ideológicos?" (p. 55). A autora indica que as ferramentas das Ciências Sociais se mostram fundamentais para a análise crítica desse mundo. Ileizi Fiorelli Silva em "A Interdisciplinaridade e o Ensino de Sociologia" levanta uma série de questões sobre essa prática que tem se tornado tão recorrente, ao menos no nível do discurso, em educação, indicando que os diversos modelos de currículos apresentam distintas concepções de disciplina e de interdisciplinaridade. De forma bastante provocativa ela coloca as várias formas como esse processo pode ser alcançado, não havendo uma única maneira.

Gilmar Santana no texto "Sociologia e Educação: compromisso científico-social na construção do conhecimento" parte da experiência do PIBID de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, narrando brevemente a experiência do grupo e o processo de intervenção em uma dada realidade escolar, o que se articulou a partir de três grupos dentro do projeto que se utilizaram das seguintes estratégias: análise e produção da imagem, teatro do oprimido, leituras sociais e periódicos. Destacar ainda o papel do professor supervisor, bem como as trocas de experiências nos congressos, e os desafios postos no desenvolvimento do trabalho em grupo, e, principalmente, as contribuições do PIBID para a articulação entre teoria e prática.

Geovânia da Silva Toscano também parte de uma experiência empírica no texto "Formação dos Licenciados em Ciências Sociais: reflexões a partir da experiência da UERN/Mossoró/RN", no qual desenvolve uma reflexão sobre o papel da própria universidade, bem como destacar a relevância da articulação entre as disciplinas na formação do professor, e do diálogo mais amplo com a sociedade, especialmente por meio da extensão universitária.

Já o texto “Sociologia no Ensino Médio: as representações sociais dos professores do Distrito Federal” de autoria de Mário Bispo dos Santos, origina-se de uma pesquisa de mestrado, apresentando os procedimentos metodológicos adotados bem como os resultados, que indicam representações distintas sobre essa disciplina escolar do ponto de vista do professor a partir de sua formação acadêmica inicial. Segundo o autor aqueles que possuem formação nas Ciências Sociais tendem a perceber a Sociologia no Ensino Médio como uma ciência, com conceitos e teorias relevantes para que o aluno possa compreender sua realidade, ao passo que aqueles com formação em outras áreas do saber tenderiam a representar essa mesma disciplina como “instrumento de ação com possibilidade de contribuir na educação para a cidadania ao instrumentalizar o educando com vistas a uma intervenção na realidade social.” (p. 141).

Também utilizando-se das representações sociais, Karla Michelle de Oliveira e Elda Silva do Nascimento Melo em “Dimensões do Ensinar Sociologia: representações de licenciandos/as estagiários/as” voltam-se para os professores de Sociologia em formação da UFRN que se encontram já no estágio supervisionado. Algumas questões que aparecem na pesquisa diz respeito às dificuldades encontradas no tratamento dessa disciplina no nível médio, que remete à carga horária da disciplina (uma aula semanal), à desvalorização do papel do professor e a falta de estrutura nas escolas públicas. Chama a atenção o fato de que, mesmo nesse caso, em se tratando de profissionais em formação nas Ciências Sociais, tende-se a desenvolver uma prática pedagógica da disciplina a partir de um projeto intervencionista sobre a realidade social, o que no trabalho de Santos estava vinculado aos professores com formação em outras áreas do conhecimento.

O último capítulo intitulado “Entre o Discurso e a Prática: reflexões sobre a formação do professor de Sociologia” José Glauco Smith Avelino de Lima, Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco, Joicy Suely Galvão da Costa e José Willington Germano realizam uma análise do modelo de formação de professores a partir do caso do curso de Ciências Sociais da UFRN, indicando tanto o que deveria ser ideal para esse professor, que inclui um entendimento de que todas as disciplinas do currículo escolar deveriam dialogar com a Educação Básica, quanto o que há empiricamente naquela realidade. Indicam que, o modelo atual de formação docente se aproxima de uma formação bacharelesca e academicista, no qual os Estágios Supervisionados seriam “experiências ‘bancárias’ que depositam no licenciando preconceitos, impressões e juízos de valor sobre a escola e o fazer docente – que circulam

no seio acadêmico – pouco afinado com a realidade escolar e de seus atores.” (p. 183). Problematizam, por fim, as potencialidades abertas pelo Programa Residência Pedagógica, existente desde 2007 no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (PIBID/UNIFESP), apontando como tais experiências ampliam as possibilidades abertas pelo Estágio Supervisionado, ao mesmo tempo que indica também seus limites.

Em um balanço geral do conjunto de trabalhos podemos afirmar que há uma rica e necessária discussão sobre o Ensino de Sociologia, centrada principalmente no processo de formação de professores, articulada a partir de pesquisas empíricas e de reflexões mais amplas sobre essa realidade. Entendemos que esses eventos locais têm um grande potencial de discussão, já que contam com a presença não apenas de pesquisadores e alunos de graduação como também de professores da Educação Básica, um público que, por vezes, os eventos nacionais na área de Ciências Sociais não consegue alcançar. Nesse sentido, creio que também seria interessante pensar textos que problematizassem possibilidades metodológicas para se pensar o Ensino de Sociologia na escola, indo para além de apontar os desafios encontrados no campo da formação inicial, assim como merecia alguma reflexão em torno da formação continuada.

Esse livro foi lançado durante o último dia da segunda edição do SESEB, que ocorreu entre os dias 5 e 8 de maio de 2014 no mesmo local, o que aponta para o fôlego e urgência dessas discussões. E nessa mesma direção outras coletâneas e dossiês temáticos têm sido organizados Brasil afora, visando fomentar a discussão. Ao fundo de todas essas questões, encontram-se ainda as dificuldades na construção de um diálogo entre as Ciências Sociais e a Educação³, e do reconhecimento da formação docente e do Ensino de Sociologia na escola como elementos relevantes para as Ciências Sociais brasileiras como um todo, ainda que se torne cada vez mais evidente que essa é uma questão da qual tais ciências não podem mais se furtar e discutir.

NOTAS

1) Essa é uma das questões que também chamam a atenção, o fato da disciplina possuir uma denominação e o curso de graduação outra, o que tem implicado em se pensar o ensino de Sociologia no Ensino Médio como um ensino de Ciências Sociais, ainda que tal articulação nem sempre seja fácil de se realizar, como podemos perceber ao analisar os livros didáticos de Sociologia e percebermos o pouco espaço que a Antropologia ocupa nas discussões, por exemplo.

2) Uma das poucas exceções é a coletânea “Leituras Sobre Sociologia no Ensino Médio”, organizada por Evelina Antunes de Oliveira e Alice Anabuki Plancherel, publicada pela EDUFAL em 2007.

3) É importante destacar que nesse sentido a Sociologia tem capitaneado a discussão, participando mais ativamente dos diversos espaços de discussão, incluindo aí o processo de seleção dos livros didáticos por meio do Plano Nacional do Livro Didático, no qual a Sociologia foi incluso em 2012, em menor grau a Antropologia, por meio da Associação Brasileira de Antropologia, tem desenvolvido alguma discussão sobre Ensino de Antropologia, mas ainda muito centrada na discussão em torno dos cursos de graduação e pós-graduação, ao passo que a Ciência Política, de modo geral, tem se mantido, em termos institucionais, mais distante dessa discussão, ainda que na última edição do Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (2014) tenha surgido um GT voltado para o Ensino.

AMURABI PEREIRA DE OLIVEIRA é doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, é professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, bem como professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Possui experiência na área de sociologia, de antropologia e de educação, com ênfase em nível de prática e de pesquisa nas áreas de Sociologia e Antropologia da Educação e da Religião.
E-mail: amurabi_cs@hotmail.com
